

ANÁLISE DA CRENÇA E INOCÊNCIA DE “A VILA”

Carlos Henrique Koslinski Santos

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
chks.original@gmail.com

Allan Rafael Silva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
rafaelallan032@gmail.com

Lucas Antonio Santos Silva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
lucas_b54@hotmail.com

Lucas Elias Silva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
lukas.a7x@hotmail.com

Wender Portugal Vieira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS),
wender.517portugal@gmail.com

RESUMO

O efeito que a crença possui nas pessoas é bem relativo e de certa forma complexo. E analisar esse tema com uma abordagem diferente, se torna interessante, para não dizer necessária. Diante do exposto, o presente trabalho teve por objetivo estabelecer esse efeito, como base de estudo o filme “A Vila”. A análise foi feita seguindo três etapas: análise prévia do filme, seguida de uma varredura mais minuciosa buscando elementos inerentes ao foco do trabalho, posteriormente busca na literatura. Os moradores da comunidade de A Vila, são complacentes e controlados por doutrinas introduzidas pelos anciões. Com alegorias e coisas subjetivas, que corroboram com a visão opressora aplicada na obra.

Palavras-chave: Alienação; Metodologia do medo; Temática Sociológica; A Vila.

ANÁLISE E EMBASAMENTO TEÓRICO

O filme *A Vila* (2004) escrito e dirigido por M. Night Shyamalan aborda vários temas estudados na sociologia contemporânea. Mas antes de “dar nomes aos bois” como diz o dito popular, devemos ambientar essa obra tão rica. *A Vila* é um filme que tem como intenção nos mostrar o cotidiano de uma comunidade com costumes inerentes ao século XIX. As vestimentas dos habitantes, os costumes, e principalmente a crença dos que habitam esse lugarejo, são mostrados desde os primeiros minutos de filme. Retrata uma sociedade de 1867, extremamente coletivista, na qual todos colaboram, vivendo de forma harmônica e preservando sentimentos bons e puros, principalmente a inocência. O que nos deixa intrigados e curiosos, são as coisas subjetivas e ‘maquiadas’ por insinuações não tão escancaradas, afinal, uma insinuação é uma insinuação (IMDB, 2004).

A primeira ideia do que realmente está por trás dessa história, é o temor que esses moradores possuem de criaturas que vivem na floresta que cerca a comunidade. Os anciões, os quais fundaram a vila, sempre reforçam a principal regra, para não dizer lei essencial: fique longe da floresta, e nada de ruim nos acorrerá. A verdade, é que isso permitia mantê-los na comunidade, e evitar que vivenciarem experiências fora daquelas que estavam acostumados.

O fato social aparece nessa influência do grupo, representado pelos anciões, sobre os indivíduos mais novos. Fato social segundo o sociólogo Emile Durkheim (1858-1917), é toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior. Por exemplo, quando desempenho minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, o sistema de moedas que emprego para pagar minhas dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo em minhas relações comerciais. E no filme isso era uma forma de coerção natural, inserida desde o nascimento: “não exceda a fronteira, se não as criaturas te pegaram, e todos sofreremos as consequências”. Era essa a ideia. Os moradores da Vila não tinham conhecimento do que havia do outro lado da floresta, e apenas tinham como base aquilo que seus anciões lhes instruíam, ou seja, os moradores sofriam uma coerção social onde aquele que fosse ao outro lado seria o culpado por qualquer desastre que as tais criaturas viessem a causar ao vilarejo (QUEIROZ, 1995; SETTON, 2011).

O medo do que está além da floresta, fez os moradores mais antigos criar esse “mito”, para tentar proteger a coisa que julgaram ser a mais importante, o que evita que coisas ruins aconteçam novamente: A inocência. Construída pela ideia de ideologia de isolamento do mundo, pois traumatizados com a violência da sociedade, um grupo de pessoas fundam uma

vila em um local isolado em busca de segurança e um novo estilo de vida, e assim criando suas próprias leis. É exemplificado pela teoria da ação dos agentes sociais, em que segundo Pierre Bourdieu, o indivíduo é regido por um único princípio de conduta. E que essa conduta define o caráter do indivíduo. E o professor Bernard Lahire discorda, afirma que temos mais de um princípio, que socializamos com base de uma multiplicidade de princípios, o que vai contra a teoria do *Habitus* (GUIMARÃES, 2011).

Por isso a personagem principal, e aquela que teve a coragem de quebrar os dogmas proposta, ser cega. Pois a inocência da personagem Ivy (Bryce Dallas Howard) é demonstrada em suas ações, como sua bondade, pois conseguia perceber as intenções e esse sentimento, pelo tom da voz e pela cor, que ela enxergava. Como ela mesmo diz: Eu enxergo de maneira diferente.

A questão da crença é algo presente no filme inteiro. O conceito de crença de Husserl é bem amplo, possuindo assim, muitos significados. No mais geral, crença pode ser definida como a posição de um ser, que está na base da consciência. E neste cenário, Husserl afirma que “crer é presumir, presumir que algo é” (KORELC, 2015). Que se refere na verdade, naquilo que um indivíduo acredita. E tem-se a análise da distinção do que se imagina, daquilo que se recorda e daquilo que é de acordo com a razão. Esta diferença se dá pela força dos fatos e principalmente da vivência (GUIMARÃES, 2011). Algo que se torna necessário para manter a construção daquela temática, plausível: a crença dos habitantes nos conselhos dos anciões; a crença na teoria das cores — em que a cor vermelha é dita como uma cor ruim —, é uma das alegorias que dramatiza aquilo que deve ser evitado. Seu significado é paixão, orgulho, violência, agressividade, poder, revolta, raiva, coragem; a perda da inocência e pureza. As próprias criaturas usam túnicas com essa cor para personificar a ideia de algo ruim. Algo proibido, que foi criado para amedrontar e tirar qualquer pensamento ou vontade de quebrar a regra essencial (KORELC, 2015).

Tudo é apurado numa temática cultural bem definida. A cultura em si, se faz presente de maneira bem intensa no enredo do filme: por definição bem breve, cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro (GODOY; SANTOS, 2014; VEIGA-NETO, 2003). Como o intuito da vila é preservar a inocência, afastando os sentimentos maus, nada mais justo que, estes, vistos como paixões, sejam evitados e reprimidos. Percebemos isso na

cena entre dois anciões, um deles casado, portanto, mesmo que apaixonados um pelo outro, reprimem esse sentimento e nem sequer se tocam, pois, a traição seria um sentimento ruim e isso seria inadmissível dentro do sistema em que a vila vivia. Já a cor amarela, no filme, é a “cor boa”, pois protege o indivíduo contra as criaturas. Ela traz dois significados extremamente contraditórios que é a liberdade e o medo.

Outro ponto a ser considerado na construção dessa identidade conservadora e protetora da ‘inocência’, é a ideia moral pertencente ao indivíduo, a própria questão cultural propriamente dita. O personagem de Joaquim Phoenix, Lucius, tinha uma curiosidade de conhecer os seres místicos e ir até a cidade para pegar suprimentos e remédios que não existia na comunidade. A analogia usada por Shyamalan em colocar um limite entre a vila e a floresta, refere-se a linha tênue da moral de um indivíduo. Onde somos tentados por instintos e vontades que as vezes nos corrompe, e nos acomete em momentos propícios. No filme, lúcios cruza a fronteira, e é visto pelos que “não se deve mencionar”. E o que vem sempre após um ato impensado que vai contra o que se julga ser correto? A culpa. Imediatamente ao ato, ele sente na obrigação de informar aos anciões o que havia feito. Afinal, as criaturas na noite que se sucedeu a transgressão, começam a invadir a vila. Com base nisso, pode-se verificar que um ato moral provoca efeitos não apenas na pessoa, mas naqueles que a cercam e na própria sociedade.

A questão da transgressão mencionada, que quer empurrar os personagens para fora da vila, o sentimento de curiosidade, é referenciado pelo personagem Noah (Adrien Brody), que por possuir uma mentalidade de criança, comumente ultrapassa a fronteira, demonstrando não respeitar as regras impostas, coisa bem comum de uma criança de 5 anos. E que impulsivo e extremamente emocional, acaba participando da cena que dá a virada na trama: Ele tomado por uma mistura de sentimentos, os quais sentia por Ivy, acaba esfaqueando Lucius, quando soube que ele iria casar com Ivy. Mas essa cena não foi algo gratuito, foi a motivação que fez a personagem de Bryce tomar coragem e decidir adentrar a floresta. Isso nos faz pensar nos nossos sentimentos, e nos coloca num impasse: ou morremos ou nos aventuramos “cegamente” naquilo que acreditamos. Ela é a personificação do desejo de nos soltar das amarras da sociedade, do medo. E para vencê-lo devemos encara-lo. Se apegando naquilo que ninguém pode tirar de nós: a nossa crença e consequentemente a nossa fé.

Dessa forma, a crença pode-se dizer, que é o que dá embasamento ao enredo do filme. Os anciões introduzem a crença de que tudo fora da comunidade é ruim, e que o dinheiro tira a pureza do homem.

CONCLUSÃO

Com base na análise do filme, podemos concluir que a vivencia é o que corrobora uma crença. No caso, a fé de Ivy na sua busca pela salvação de seu amado. E que é preciso ter fé e coragem para adentrar no desconhecido. Isso é claro quando aprendemos algo novo, sempre entramos “cegos” até poder enxergar a luz, que no caso é o conhecimento.

E pra finalizar, é claro no filme, que o bem comum transcende o bem individual. Como diz o personagem Edward Walker (William Hurt) na cena que decidem a favor na ida de Ivy para a cidade: “Que são eles (Ivy e Lucius) que perpetuaram a comunidade, eles são o futuro”. Assim eles pensam na comunidade em si, do que neles. Pois eles iram morrer, e o que será daquilo tudo que construirão sem isso? Sem a manutenção da tradição e costumes? Da preservação da inocência? Eles não se importam das coisas que fizeram e abdicaram para aquilo ser possível. A ideia de sacrifício está nas pequenas ações de todos os anciões, e agregam na questão da apropriação cultural.

Que uma ideia semeada na infância, e pela vivencia na comunidade desde o berço, criar seres alienados e dispostos a seguir à risca as doutrinas daqueles mais velhos.

REFERÊNCIAS

- GODOY, E. V.; SANTOS, V. DE M. Um olhar sobre a cultura. *Educação em Revista*, v. 30, n. 3, p. 15–41, set. 2014.
- GUIMARÃES, L. Ceticismo e crença religiosa no Tratado da natureza humana. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 52, n. 124, p. 509–528, dez. 2011.
- IMDB. The Village. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0368447/faq>> acesso em: 09 de outubro de 2018.
- KORELC, M. Crença e razão na fenomenologia de Husserl. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 3, n. 2, p. 321–350, 2015.
- QUEIROZ, M. I. P. explicando que o termo. *Companhia Editora Nacional*, n. 6, p. 75–84, 1995.
- SETTON, M. G. J. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 4, p. 711–724, dez. 2011.
- VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 5–15, ago. 2003.